

DESDE 1976



RELATÓRIO

maoz·israel

Traduzido por Best Content - @bestcontentbr



NOVEMBRO 2025 | CHESHVAN - KISLEV 5786

Lar Doce Lar

Por que os Reféns São Tão Importantes

Por **Shani Sorko-Ram Ferguson**



Israelenses fazem fila nas ruas para comemorar o retorno dos reféns (na van preta) após dois anos de cativeiro

Com os reféns vivos de volta às suas casas, uma quantidade, aparentemente infinita, de histórias pessoais do horror que eles viveram nesses últimos dois anos está chegando aos poucos pelos vários meios de comunicação em Israel. E é improvável que isso acabe tão cedo, porque, à medida que os reféns forem se restabelecendo, eles provavelmente compartilharão mais de suas experiências, e Gaza é uma terra fértil para a criatividade maligna.

Foi uma tortura física. Espancamentos violentos, eletrocussões e, claro, outros abusos que não descreveremos. Quando precisavam de atendimento médico ou até mesmo de cirurgia, apenas em alguns casos era concedido, nem sempre por médicos, e nunca com anestesia. Alguns dos reféns eram amarrados a gaiolas e até mesmo amarrados uns aos outros para que tivessem que fazer as necessidades juntos.

Os guardas comiam suas quatro refeições com alimentos frescos diariamente na frente dos reféns que recebiam metade de um pão pita velho ou talvez algumas bolinhas de falafel (bolinho frito ou assado) por dia. Durante a semana da Páscoa, em cumprimento do mandamento de comer apenas pão sem fermento, os reféns se recusavam a comer pão pita. No Yom Kippur, eles jejuavam.

Foi uma tortura psicológica. Quanto mais tempo os reféns eram mantidos em cativeiro, pior o tratamento se tornava. Aparentemente, manter a moral baixa era importante para alguns captores. Ocasionalmente, os reféns eram informados de que estavam prestes a voltar para casa. Depois, ouviam que nunca mais voltariam para casa. Aprenderam a não acreditar em nada, exceto que, se resistissem por tempo suficiente, seriam libertados. Um dos reféns foi separado e colocado sozinho em um quarto por ter sido flagrado sorrindo. Vários relataram ter sido provocados e informados de que suas fotos não estavam postadas na Praça dos Reféns e que suas famílias

não estavam marchando por sua libertação.

Após vários resgates bem-sucedidos das FDI, os guardas com maldade falavam: “Não pensem que serão resgatados. Se as FDI chegarem perto daqui, mesmo que por acidente, nós saberemos e atiraremos em vocês”. Assim, os reféns ficavam com mais medo de encontrar as FDI do que dos terroristas.

O perigo de irritar os guardas era real e constante. Dezenas de vezes, Yosef Ohana encarou uma arma apontada para sua cabeça e teve que convencer seus captores de que era mais valioso vivo do que morto em uma troca de reféns.

O Hamas também fez vídeos para atormentar os israelenses em casa. Era estratégico, para incitar conflitos e divisões em Israel e pressionar o governo israelense. O vídeo de Aviyatar David, magro, esquelético, forçado a cavar sua cova em um túnel, foi particularmente difícil de assistir. “Me disseram para cavar minha própria cova e que eu seria enterrado aqui em Gaza”, disse ele com a voz trêmula, enquanto segurava fracamente uma pá sobre um buraco no chão.

Em outro vídeo, Guy Gilboa-Dalal foi filmado ao lado de Aviyatar sentado em um carro, forçado a assistir à libertação de outros reféns, mesmo sabendo que eles próprios voltariam aos túneis. Muitos outros vídeos foram gravados em que reféns eram forçados a ler declarações de propaganda e simular ferimentos ou morte.

Sozinho

Há tanto para compartilhar que não é fácil encontrar o equilíbrio entre listar inúmeras atrocidades e transmitir os pesadelos de uma forma compreensível. Eventualmente, livros e filmes serão produzidos documentando e registrando o que aconteceu. Então, enquanto isso, contaremos um pouco sobre um dos reféns, Rom.

Rom Braslavski tinha 21 anos e trabalhava como segurança no festival Nova no dia dos ataques. Por volta das 10h30, quatro horas após o massacre, Rom ligou para a mãe para explicar a situação e que estava lá para ajudar os feridos a escapar e esconder os corpos dos mortos para que não fossem profanados. “Estarei em casa em algumas horas”, garantiu ele.

Essa foi a última vez que alguém teve notícias dele até o Hamas divulgar um vídeo dele em cativeiro. Com exceção de dois dias, Rom foi mantido em isolamento durante todos os dois anos.

Às vezes, ele era mantido ao lado de cadáveres de reféns. Às vezes, suas mãos e pés eram amarrados. Mas ele sempre era mantido sozinho em um quarto escuro. Rom se consolava cantando e orando muito. Ao retornar, disse à mãe: “Eu sempre soube que um dia isso acabaria”.

Os guardas o alimentavam com metade de um pão pita por dia, batiam nele com chicotes e mentiam sobre como sua família havia desistido de lutar por sua libertação. “Israel caiu”, diziam. “Milhares de seus soldados estão mortos. O Irã varreu Israel do mapa...”

Também lhe ofereciam todo tipo de presentinhos e comida extra, caso ele se convertesse ao Islamismo. Ele respondeu: “Sou um verdadeiro Judeu. Não vou me render.” Ao voltar para casa, seu único pedido foi ver o céu. Quando pressionado a pensar em algo mais substancial, admitiu que adoraria um pouco de chocolate.



Erin Yardeni/GPO

O Problema Com os Israelenses

Em uma pesquisa recente que estudou as diferenças culturais entre Judeus em Israel e Judeus no exterior, os Israelenses foram questionados: “Se um Judeu em algum lugar do mundo fosse capturado, você arriscaria sua vida para libertá-lo?” 90% dos Israelenses disseram que sim.

Há várias coisas que o mundo pode entender a partir dessa estatística.

1. Os Judeus Israelenses têm um forte senso de identidade pessoal e conexão com nossa herança ancestral.
2. Os Judeus Israelenses têm um forte vínculo entre si, apesar das muitas diferenças em questões políticas, filosóficas e religiosas. Acreditamos que nosso destino é sobreviver e prosperar como povo. É por isso que cantamos “Am Israel Chai”.
3. Os Israelenses reconhecem que o mundo é um lugar perigoso para os Judeus. E que a cada geração alguém se levantará para tentar nos destruir. E que é nosso dever proteger nosso povo em qualquer lugar e em qualquer lugar, e que o ideal seria trazê-los de volta à sua terra natal.

O lado ruim de tudo isso é que nossos inimigos entendem nosso vínculo e senso de dever mútuo. Eles até admiram isso abertamente, de uma forma doentia.

Na maioria dos países, uma situação como essa de reféns afeta a família, os entes queridos da pessoa e talvez o Ministério de Relações Internacionais, que cuida de assuntos como esse. É raro que pessoas alheias à situação sequer saibam que houve um sequestro. E uma troca provavelmente só ocorrerá se e quando a negociação for a melhor opção para o país. Alguns países simplesmente responderiam: “Não negociamos com terroristas”.

Esta não é necessariamente uma abordagem fria e indiferente. É uma postura lógica ao entender que ao negociar você recompensa pessoas más por fazerem o mal, elas devolvem o refém, pegam a recompensa e sequestram outra pessoa.

Israel nunca é lógico em relação aos seus. É por isso que o plano diretor do ataque de 7 de outubro tinha dois objetivos:

1. Infligir o máximo de dor, sofrimento e destruição possível simplesmente porque os Judeus merecem sofrer.
2. Fazer reféns suficientes para negociar a libertação de todos os palestinos detidos em prisões israelenses. E esconder os reféns por toda Gaza para servirem de escudos humanos para o Hamas contra a retaliação das Forças de Defesa de Israel (FDI) pelos ataques.

Guerras Comerciais

Não foi uma tática inovadora. Foi uma estratégia testada e comprovada. Logo após a Guerra da Independência

Ao olhar para fotos de Rom voltando para casa e envolto em uma bandeira israelense, é impressionante ver um corpo tão frágil ligado a uma alma tão forte.



Desfile do Hamas dá boas-vindas aos prisioneiros terroristas libertados de Israel em troca de reféns

Abbed Rahim Khatib/Flash90

de 1948, Israel trocou todos os seus prisioneiros Árabes por todos os soldados e civis israelenses que haviam sido capturados durante a guerra. Essa troca fez sentido. A guerra terminou. Uma nova nação nasceu e todos queriam começar um novo capítulo. Infelizmente, os capítulos subsequentes não seriam escritos a nosso favor.

Ao longo de toda a sua existência moderna, Israel tem vivenciado um fluxo constante de violência jihadista. Assim como, constantemente está rastreando e capturando terroristas. Alguns prisioneiros são condenados a múltiplas penas de prisão perpétua por crimes como assassinato. Outros podem ser presos por desenvolver redes terroristas ou contrabandear armas. E outros ainda podem ser presos por “crimes menores”, como ser pego em um posto de inspeção das fronteiras com uma arma ou por atirar pedras grandes na cabeça de policiais ou no carro de uma família. Então, de tempo em tempo, terroristas se infiltram e capturam um ou dois soldados israelenses, retornam ao seu território e começam a negociar a libertação de seus companheiros terroristas.

Israel liberou milhares de terroristas ao longo dos anos para a Síria, Jordânia, Líbano, Egito e uma infinidade de outras organizações terroristas islâmicas. As trocas nunca foram igualitárias e, ocasionalmente, foram ridiculamente desequilibradas, com centenas de terroristas libertados por um punhado de israelenses.

Certa vez, Israel negociou cinco combatentes jihadistas e 200 corpos em troca de dois soldados mortos das Forças de Defesa de Israel (FDI). E, certa vez, libertou 436 prisioneiros em troca de um israelense que admitiu ter atravessado a fronteira para o Líbano para fechar um negócio de drogas.

Maus Negócios

A triste realidade é que isso se torna um ciclo que incentiva o terrorismo dentro de Israel.

Pois os terroristas sabem que, se atacarem israelenses, ou eles terão uma morte gloriosa como um mártir, ou serão capturados e eventualmente libertados na próxima troca de prisioneiros. Enquanto isso, suas famílias receberão um salário, durante o tempo que passarem na prisão, de algum país rico do Oriente Médio, por meio da Autoridade Palestina.

Libertar prisioneiros é sempre um risco. É resolver um problema atual e semear um problema futuro. O exemplo mais marcante é quando o soldado das FDI Gilad Shalit, que ficou preso em Gaza por cinco anos, foi trocado por 1.027 prisioneiros palestinos. Um desses 1.027 foi Yahya Sinwar, a mente por trás do atentado de 7 de outubro.

O Hamas entende que os israelenses não toleram que seu próprio povo seja mantido refém. Mas entre os reféns desta guerra também estavam drusos, beduínos, nepaleses, tailandeses, filipinos, prisioneiros americanos e até muçulmanos, pois o Hamas os considerava traidores por viverem e trabalharem pacificamente em Israel.

Além de ter um apetite insaciável por sangue, qual seria o benefício de assassinar ou capturar não judeus? Talvez o Hamas estivesse testando uma nova teoria. O Hamas apostava que o valor que Israel tem pela vida tornaria um não judeu capturado em Israel um refém tão valioso quanto um judeu. E eles precisavam de um grande número deles.

A triste realidade é que isso se torna um ciclo que incentiva o terrorismo dentro de Israel. Pois os terroristas sabem que, se atacarem israelenses, ou eles terão uma morte gloriosa como um mártir, ou serão capturados e eventualmente libertados na próxima troca de prisioneiros.

À medida que os 251 prisioneiros capturados em 7 de outubro eram contabilizados, dezenas foram identificados como não israelenses ou sem filiação judaica. Mas o Hamas havia garantido o número que desejavam. Poucos dias após o ataque, Al Jazeera confirmou que o Hamas estava confiante de que tinha “reféns suficientes para garantir a libertação de todos os terroristas palestinos detidos em prisões israelenses”.

Calcanhar de Aquiles

A natureza protetora de Israel em relação ao seu povo é tanto uma força quanto uma vulnerabilidade para os judeus em todo o mundo. Escolas, sinagogas e empresas judaicas são frequentemente vistas, por jihadistas e supremacistas brancos, como locais de ataque em potencial. E durante essa guerra, navios com a menor ligação a uma empresa judaica ou destinados a entregar mercadorias a Israel tornaram-se alvo de piratas houthis.

Israel, há um tempo, vem tentando mudar as regras do jogo. Mas deve haver um sistema persuasivo que faz com que o preço de nossos reféns seja muito alto em relação ao potencial benefício da libertação de um prisioneiro para o outro lado. Infelizmente, em termos diplomáticos, esse alto preço é frequentemente apelidado de “força exagerada”. De fora, países que não entendem o que significa ser constantemente caçado por sua etnia não entendem essa resposta exagerada de Israel. Assim, as tentativas de Israel são geralmente frustradas pela pressão internacional antes de se alcançar paz e tranquilidade a longo prazo. No caso de 7 de outubro, somente após a reeleição do presidente Trump, Israel foi liberado para infligir o alto preço de derrubar o círculo de terror que cercava Israel e que o Irã havia passado 40 anos construindo.

Alguns eventos que levaram a esse momento crucial incluíram a queda da Síria e a eliminação da liderança de alto escalão do Hezbollah no Líbano e do Hamas, que havia cooperado tão bem com o Irã. Como um dos principais objetivos dos ataques de 7 de outubro incluía a libertação



Multidões comemorando quando os irmãos Gali e Ziv Berman retornam vivos do cativo.

Erik Marmor/Flash90

de cerca de 5.000 terroristas presos, a perda de cerca de 50.000 combatentes do Hamas é uma vitória significativa para Israel, em termos de redução desse exército terrorista. Mas isso não desencoraja o Hamas, sendo que eles prezam a morte e o martírio. É por isso que a maior vitória só veio quando Trump se interpôs entre o Hamas e seus patrocinadores. Afinal, terroristas também precisam de dinheiro para alimentar suas famílias.

No futuro, há dúvidas sobre o que fazer com terroristas quando capturados vivos. O sistema jurídico israelense geralmente defende a prisão ou o exílio de terroristas. Mas alguns membros do Knesset pediram a extensão da pena de morte, para eliminar a possibilidade de serem forçados a libertar jihadistas ideológicos impenitentes com sangue nas mãos. A pena de morte é legal em Israel, mas só foi aplicada uma vez, após a Segunda Guerra Mundial, contra um nazista.

A Praça dos Reféns

Do lado israelense da fronteira, a situação dos reféns nos uniu tanto quanto nos dilacerou. Famílias que nunca se conheceram estavam agora unidas pelo destino na luta em comum pelo retorno de seus entes queridos. Permaneciam em um estado de suspense, de agonia e determinação. Alguns ansiavam e esperavam poder abraçar seus entes queridos novamente, outros conheciam a amarga verdade e simplesmente desejavam realizar o enterro de seus mortos. Foi algo terrível de se testemunhar. A mídia israelense começava e terminava o dia com a contabilização de dias que os reféns estavam em cativeiro. Quer conhecessem os reféns pessoalmente ou não, carregavam consigo o peso da ausência deles. Qualquer um que vivesse aqui diria que a nação não respirou por dois anos.

Logo no início, soubemos que muitos dos reféns tiveram acesso a um rádio em algum momento. (Para alguns, era para que pudessem ouvir o chamado islâmico para a oração cinco vezes por dia.) A mídia israelense tomou conhecimento disso e, por dois anos, houve uma presença constante de amigos e familiares dos reféns compartilhando suas histórias nos noticiários e programas de rádio, na esperança de que algum dos reféns estivesse ouvindo. Durante dois anos, cada entrevista terminava com a pergunta: “Se por acaso eles estivessem ouvindo, o que você gostaria de dizer a eles...”

E por acaso, eles estavam ouvindo!

Em cada rodada de libertação de reféns, sabíamos dos detalhes de suas experiências angustiantes. Alguns foram mantidos em apartamentos com suas famílias, outros foram colocados em túneis escuros e outros ainda foram transferidos dezenas de vezes. Alguns foram resgatados pelas FDI, outros foram trocados por prisioneiros. Mas todos nos contaram as mesmas duas coisas quando retornaram:

“Obrigado por lutarem pelo nosso retorno! Am Israel Chai!”

“Não desistiremos até que TODOS estejam em casa.” ■



AS PROMESSAS INFALÍVEIS DE DEUS

Assim diz o Senhor: "Contenha o seu choro e as suas lágrimas, pois o seu sofrimento será recompensado", declara o Senhor. "Eles voltarão da terra do inimigo."

Jeremias 31:16

Será que se pode tirar o despojo dos guerreiros, ou serem os prisioneiros resgatados do poder dos violentos? Assim, porém, diz o Senhor: "Sim, prisioneiros serão tirados de guerreiros, e despojo será retomado dos violentos; brigarei com os que brigam com você, e seus filhos, eu os salvarei. Farei seus opressores comerem sua própria carne; ficarão bêbados com seu próprio sangue, como com vinho. Então todo mundo saberá que eu, o Senhor, sou o

seu Salvador, seu Redentor, o Poderoso de Jacó".

Isaías 49:24-26

Olha para a minha direita e vê; ninguém se preocupa comigo. Não tenho abrigo seguro; ninguém se importa com a minha vida. Clamo a ti, Senhor, e digo: "Tu és o meu refúgio; és tudo o que tenho que na terra dos viventes. Dá atenção ao meu clamor, pois estou muito abatido; livra-me dos que me perseguem, pois são mais fortes do que eu. Liberta-me da prisão, e renderei graças ao teu nome. Então os justos se reunirão à minha volta por causa da tua bondade para comigo".

Salmos 142:4-7

Nós também podemos encontrar a coragem para interceder pela redenção dos nossos entes queridos que vivem na escuridão, assim como as famílias israelenses intercederam pelo retorno dos seus.

E enquanto oramos para que essas escrituras se comprem com retorno dos reféns de Gaza, inclua em suas orações aqueles que estão sendo mantidos em cativeiro pelo inimigo.



Novembro 2025



Shalom da Terra da Promessa!

Eu notei algo interessante durante todo esse tempo: em **nenhum momento** alguém questionou se esses reféns mereciam ser libertados. **Ninguém perguntou ou investigou se eram pessoas boas ou problemáticas.** Muitas coisas boas foram compartilhadas sobre os reféns. Ele era fazendeiro, ela era professora de jardim de infância, ele era um pai amoroso, ela era musicista... mas nenhuma mídia, seja de esquerda ou de direita, desenterrou informações podres sobre os reféns.

Estatisticamente, com 1.200 pessoas assassinadas aleatoriamente e 251 sequestradas, **eles poderiam ter encontrado algo:** negócios ruins, uso de drogas, dirigir sob efeito de álcool, problemas de controle da raiva, problemas conjugais. Mas nada disso importava.

Para nós, tanto os jovens, que estavam ocupados fazendo sabe-se lá o quê no festival Nova, precisavam ser trazidos para casa, assim como os bebês que foram arrancados de seus quartos. **Todos eles foram roubados pelo nosso inimigo e era nossa responsabilidade trazê-los para casa.** Em hebraico, reformulamos a frase para "resgatar os reféns".

Acredito que você concordaria que, mesmo em nossos melhores momentos, **não compreendemos as profundezas do amor como Deus compreende.** Portanto, devemos considerar o que Israel acabou de demonstrar como nação ao mundo. **Se uma nação considera cada pessoa capturada desse grupo aleatório de pessoas como alguém que precisa ser resgatado, imagina o quando Deus deseja que cada pessoa que Ele criou seja resgatada!**

Não fizemos nada para merecer o Seu desejo por nós. Somos simplesmente Sua criação, feitos à Sua imagem. Levados pelo inimigo. E nós também fomos resgatados por um alto preço, uma troca sangrenta.

As famílias dos reféns precisaram de muita coragem para dedicarem tanto tempo e emoção para trazer seus entes queridos de volta para casa, sem saber se algum dia isso aconteceria, mas também sem aceitar um não como resposta. Uma coisa é certa: se eles não tivessem insistido tanto, isso não teria acontecido.

Só o tempo dirá como o cessar-fogo atual se manterá. **O que sabemos é que, com os reféns em casa, muitos soldados serão libertados e retornarão às suas vidas civis,** e a nação poderá finalmente se concentrar na cura e na restauração. Durante toda a guerra, **Maoz se dedicou a oferecer terapia por meio de conselheiros religiosos.**

Com o seu apoio, podemos continuar o tratamento de soldados, sobreviventes do Nova e crianças com suas dificuldades. Você pode apadrinhar um deles por US\$ 100 (cerca de R\$ 538,30) por mês. Junte-se a nós no caminho para a recuperação. O futuro parece lindo daqui.

Ao serviço DEle,

Kobi e Shani Ferguson

Kobi e Shani Ferguson

Kobi Ferguson
Presidente e
Diretor Executivo

Shani Ferguson
Diretora de Criação





Defina o seu Legado

Faça uma diferença
duradoura no futuro de Israel

Se você tiver alguma dúvida sobre opções de doação para a MAOZ ou os benefícios que pode receber por isso, entre em contato com:

Estados Unidos da América:
214.677.0560
rachel@maozisrael.org

Reino Unido:
01732 886441
brian@maozisrael.org

Ao definir seu legado, há muitas maneiras de expressar seus valores por meio de uma doação para Maoz. Aqui estão algumas para considerar:

- **Inclua-nos em seu testamento**

Destinar uma porcentagem de seu patrimônio para Maoz em seu testamento pode ajudar as gerações futuras.

- **Doe um seguro de vida**

Você pode facilmente apoiar Maoz nos nomeando como beneficiários em uma apólice que você já possui.

- **Considere os ativos do seu plano de aposentadoria**

Ao fazer uma simples designação no formulário de designação de beneficiário do seu plano, você pode poupar seus entes queridos de uma pesada taxa tributária e, ao mesmo tempo, apoiar o futuro de Maoz.